

O PROTAGONISMO DE CAROLINA MARIA DE JESUS NA OBRA O QUARTO DE DESPEJO: A ESCRITA COMO UM INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Luiz Diego Farias Mota ¹

Profa. Ma. Annalies Barbosa Borges ²

Orientadora: Profa. Ma. Nádyá Brito Gurgel Correia Dutra ³

RESUMO

O presente trabalho dispõe de uma análise qualitativa da obra *Quarto de Despejo*, da escritora mineira Carolina Maria de Jesus, e valemo-nos da edição comemorativa da Editora Ática (1960 - 2020) durante toda a pesquisa. Será destacado e terá como objetivo principal o protagonismo de Carolina, mulher negra, através de sua forte personalidade e de sua determinação pela (sobre)vivência, que nos fora descortinado através da escrita do seu diário, seu instrumento de transformação social. O livro *Quarto de despejo* é, pois, o relato autobiográfico da autora Carolina Maria de Jesus, revelando o cotidiano na favela Canindé, em São Paulo, nas décadas de 1950 e 1960, sendo possível a abordagem de diversas temáticas sociais, como: a violência na favela, a presença contínua da fome, a pobreza, a miséria e a ausência de políticas públicas eficientes. O trabalho em voga apresenta estudo bibliográfico sobre a trajetória de Carolina Maria de Jesus e parte considerável dos que relevantes críticos literários, Antonio Candido e Luciana Paiva Coronel. Nele, estigmas evidenciados pela desigualdade social promovem no leitor uma aproximação com a obra, sendo possível tecer reflexões críticas sobre temas que ainda são presentes na contemporaneidade da realidade periférica do Brasil. Buscou-se por meio de revistas, jornais da época, artigos e fundamentações teóricas compreender a escrita de Carolina Maria de Jesus como um mecanismo de ascensão social na qual a vivência da escritora demonstra a realidade das classes menos favorecidas e a necessidade de se investir em políticas públicas e em uma educação pública de qualidade.

Palavras-chave: Mulher negra, Escrita, Reflexões críticas, Realidade periférica, Transformação social.

INTRODUÇÃO

Ao ler o livro *Quarto de Despejo - Diário de uma favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus (1960-2020), podemos refletir sobre diversos estigmas sociais retratados pela trajetória de uma mulher negra, mãe solteira, favelada e catadora de papel, que busca incessantemente, por meio de seu trabalho, uma vida digna para os seus filhos, fugindo da miséria e da pobreza. Esses fatores, porém, parecem predestinados, como constam nos

¹ Graduando do Curso de Letras do Instituto Federal do Ceará - IFCE, luiz.fmota2023@gmail.com;

² Profa. Mestre, Instituto Federal do Ceará - IFCE, annaliesprof@ifce.edu.br

³ Orientadora: Profa. Mestre, Instituto Federal do Ceará - IFCE, nadya.gurgel@ifce.edu.br

relatos contundentes e imprescindíveis da autora em seu livro, e amplamente aludiremos na presente pesquisa.

A narrativa que compõe o enredo da obra apresenta histórias reais, que buscam retratar a realidade brasileira isenta do padrão de idealização social, visando mostrar as mazelas sociais e os seus impactos, tais quais: a ausência/ ineficiência de políticas públicas, a pobreza e a miséria. Quando se pesquisa a trajetória de escritoras negras na literatura brasileira, o fato que me deixa perplexo é saber que, apesar das grandes contribuições literárias e sociais que as obras de escritoras afro-brasileiras como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Djamilia Ribeiro, pouco são abordadas nas instituições de ensino públicas e privadas. Tal afirmação originou-se depois das leituras que tive das obras das supracitadas autoras e somente na graduação do curso de Letras. Por que não as conheci antes? Por que não no ensino fundamental, por exemplo?

Teria feito diferença se tais temáticas tivessem sido abordadas e aprofundadas ao longo do meu ensino médio. Embora a lei federal 10639/031⁴, sancionada em 2003, implemente na Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a obrigatoriedade das temáticas de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares, a realidade aponta para um cenário contraditório.

Nesse sentido, buscando analisar uma obra de grande contribuição para a literatura brasileira, o título desse trabalho é: O protagonismo de Carolina Maria de Jesus na obra *Quarto de Despejo*: a escrita como um instrumento de transformação social. É importante ter em vista, nesse estudo, que a trajetória árdua de luta contra a fome e a pobreza não foram capazes de impedir o desejo que Carolina tinha de ler e escrever e, principalmente, o sonho de se tornar uma escritora.

Dessa forma, a abordagem desse trabalho contemplará uma análise qualitativa do livro autobiográfico *Quarto de Despejo*, da escritora Carolina Maria de Jesus, tendo como principal perspectiva o protagonismo de Carolina na referida obra na qual a escrita surge como um mecanismo de transformação social. Nessa perspectiva, o presente trabalho será desenvolvido mediante análise e constituição crítico-reflexiva (teórica) da obra *Quarto de Despejo* e a trajetória da escritora em seu livro autobiográfico, que narra o cotidiano da favela e utiliza-se de seus relatos como um instrumento de crítica social sobre as desigualdades. Nesse contexto, será possível compreender o processo de escrita da autora

⁴ LEI n° 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Carolina Maria de Jesus como um símbolo de resistência e denúncia social diante dos relatos presentes no livro *Quarto de Despejo*, sendo esse título escolhido pela escritora para descrever a favela Canindé, em São Paulo, durante as décadas de 1950 e 1960.

Analisar uma obra literária requer um conhecimento sobre a trajetória do (a) escritor (a), o contexto no qual o livro foi escrito e os fatores que influenciaram a criação do conteúdo. Além disso, e em especial na obra aqui analisada, faz-se necessária a compreensão de que o passo inicial para identificar a escrita como um mecanismo de transformação social, ressaltando o protagonismo de Carolina Maria de Jesus, na obra *Quarto de Despejo*, em meio a pesquisas sobre a obra literária e as suas diversas temáticas sociais.

Nesse contexto, Fonseca (2002) afirma:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA, 2002, p.32).

Desse modo, a abordagem desse trabalho científico se sucederá a partir de uma pesquisa bibliográfica qualitativa sobre a obra *Quarto de Despejo*, tendo como objetivo específico: identificar o protagonismo de Carolina na respectiva obra e o e o geral: elucidar a escrita como uma possibilidade de autonomia e uma importante aliada no combate das injustiças sociais.

Carolina - incansavelmente - relata o seu cotidiano na favela, buscando - por meio da escrita em seu diário - aliviar o sofrimento e as precariedades sociais, e constatamos que os livros (oriundos do lixo) e a leitura que prontamente ia fazendo deles se tornavam frequentes em sua rotina, algo incomum para uma mulher negra, semianalfabeta, mãe solteira e catadora de materiais recicláveis, mas que mantinha na mente e no papel o desejo de mudanças. Nesse sentido, podemos ler o seguinte trecho:

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim, e eu contemplo as flores de todas as qualidades[...] é preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2020, p. 59)

Dessa forma, podemos compreender que Carolina encontrou na escrita um refúgio para os seus pensamentos, construiu um lugar de idealização longe da fome e da pobreza na qual a igualdade era algo real e não uma utopia. Porém, a realidade da favela distorce todo o cenário dos sonhos idealizados no trecho anterior pela escritora, se tornando em

alguns momentos um ambiente inseguro, sem políticas públicas e onde os sonhos por vezes são limitados às baixas condições financeiras e à realidade social.

A construção desse trabalho acadêmico visa refletir sobre os seguintes questionamentos: Como os ambientes interno e externo podem influenciar o processo de escrita? De que forma a escrita pode ser considerada um mecanismo de transformação social?

REFERENCIAL TEÓRICO

Carolina Maria de Jesus foi uma moradora da favela de Canindé em São Paulo, durante a década de 1950 a 1960, local onde hoje é a conhecida Marginal do rio Tietê. Carolina migrou ainda jovem de uma cidade do interior de Minas Gerais para São Paulo em busca de novas oportunidades, na tentativa de fugir da fome e da miséria. A história de Carolina, em certos momentos, se estreita pelos caminhos marcados por sofrimentos, lutas, pobreza e a esperança de dias melhores, se assemelhando à obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1955), a qual retrata a trajetória de um retirante que deixa o sertão nordestino em busca de melhores condições. Porém, vale ressaltar que Carolina expõe muito mais que as condições básicas negadas àqueles que são marginalizados pela construção social: a escritora revela em seu livro *Quarto de Despejo* suas vivências e lutas diárias, denunciando a fome como a personagem principal na vida dos moradores da favela. Mas não só a fome de alimentos, além dessa, surge também a fome por segurança pública, a fome pela cultura, fome por acesso à educação, fome por condições básicas e, principalmente, por justiça social.

Carolina relata o seu cotidiano dentro da favela Canindé, na periferia de São Paulo, mesmo com a sua árdua tarefa de sustentar a família por meio do seu trabalho de reciclagem. Ela anseia se tornar escritora, algo que, no contexto em que estava inserida, foge muito da sua realidade. No trecho a seguir, podemos observar críticas que Carolina recebia pelo simples fato de escrever em um diário o seu cotidiano: “José Carlos ouviu a Florenciana dizer que eu pareço louca. Que escrevo e não ganho nada” (JESUS, 2020, p. 87). A “loucura” insinuada no trecho anterior expõe um processo de desigualdade social, uma vez que a classe menos favorecida sofre com a escassez de educação formal e de qualidade, formulando-se no senso comum a visão de que a leitura e a escrita não são capazes de transformar a realidade do indivíduo e que, infelizmente, soam como algo inútil.

Pinangé *et. al* (2020) abordam alguns aspectos importantes que ganham destaque na obra em apreciação:

A fome, a falta d'água, as desavenças entre os vizinhos e o abandono por parte do poder público compõem algumas das cenas que nos são trazidas ao longo dos escritos. Histórias marcantes percorridas com criticidade por parte da autora, que nos permite chegar à realidade da favela que habitava, detalhadamente contada pelos seus olhos, suas mãos e seu coração. Impossível não se angustiar em alguns momentos dolorosos compartilhados por Carolina, porém impossível também não vibrar a cada pequena conquista ou cada provocação levantada nos escritos (PINANGÉ *et. al*, 2020, p. 4).

Nessa perspectiva, compreende-se que Carolina em seus escritos aborda a realidade, sem filtros, colocando no papel aquilo que não podia ficar somente nos limites da imaginação, fazendo da sua árdua jornada na favela um alicerce no qual a sua escrita, embora com poucas marcas de formalidade, fosse um refúgio e um instrumento de transformação social, promovendo diversas reflexões às novas gerações. A escrita de Carolina representa um retrato da sociedade brasileira e paulista das décadas de 1950 a 1960 na qual a favela era considerada um lugar de desprezo, miséria e abandono. A protagonista deixa evidente tal afirmação em um de seus trechos: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de Despejo.” (JESUS, 2020, p.40)

A autora descreve a favela como um ambiente propício ao abandono, repleto de violência e conflitos. Carolina constrói uma visão ampla sobre a cidade sendo considerada como o cartão postal e a favela como *Quarto de despejo*. Desse modo, o paralelismo de ideias sobre um mesmo mundo, expõe um processo de exclusão social, ausência de políticas públicas e de oportunidades para as classes menos favorecidas. A favela no contexto da obra é notada como um ambiente de degradação que ofusca a visão de progresso e revolução econômica, política e social das décadas de 1950 a 1960 na cidade de São Paulo.

A história de Carolina foi revelada pelo jornalista Audálio Dantas ao encontrar com a autora durante uma reportagem na favela em meados de 1958. Em um artigo publicado pelo jornal espanhol *El País*, a colunista Eliane Brum cita um trecho de uma entrevista feita com o jornalista Audálio Dantas, “ele tinha ido à favela do Canindé fazer uma reportagem e ouviu uma mulher negra ameaçar uns “marmanjos” que tomavam conta de uma espécie de *playground*⁵ muito raquítico, impedindo as crianças de brincarem”

⁵ A expressão *playground* refere-se a um tipo de parque ou local de recreação para as crianças.

(BRUM, 2021). A maneira que Audálio descreve esse primeiro contato com Carolina revela um pouco da personalidade da autora, diante de um cenário de vulnerabilidade social, que muitas vezes passa despercebido pelo Poder público, Carolina se impõe à frente das lutas do cotidiano e, em certos momentos, lida com a indiferença dos próprios moradores da favela, mas tem como aliada à sua escrita e faz do seu diário a sua resistência: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece argumentos.” (JESUS, 2020, p. 26). Os moradores da favela se incomodavam com a personalidade de Carolina e com o seu posicionamento sobre as desordens que o próprio ambiente gerava. Em determinados momentos, é possível encontrar relatos e nome de vizinho(a)s de Carolina em seu diário. Ela usava a sua escrita como uma forma de se proteger da violência e da ignorância daqueles que menosprezavam as suas lutas.

Revela-se ao longo da obra *Quarto de despejo* a relação conflituosa de Carolina com seus respectivos vizinhos, sendo esse fato notado com a não aceitação da escrita de Carolina pelos moradores da favela. A autora utiliza-se de um vocabulário direto, sem abreviações ou recursos linguístico sofisticados (o que se entende pelo nível de escolaridade da mesma), a personalidade e as ações de Carolina ao se impor contra as misérias sociais presentes na favela e o descontentamento com o abandono por parte do poder público motivam a escritora a assumir um posicionamento crítico, corroborando para a divergência entre seus pares e evidenciando as faces de seu protagonismo, que a distingue de outros moradores da favela.

Segundo Assis Ângelo (2021), em um artigo publicado pelo Portal dos Jornalistas, Audálio inicialmente publicou na *Folha da Noite* (jornal de circulação da época, 1958) uma reportagem completa com o título “O drama da favela escrito por uma favelada”. Essa ação de Audálio foi considerada por muitos pesquisadores como uma apresentação da história de Carolina e uma forma de chamar a atenção do público e dos editores dos meios de comunicação da época. Naquela década, o fato de Carolina ser moradora da favela, mãe solteira, negra, catadora de papel evidenciou um foco imediato da imprensa com o surgimento de uma escritora favelada, além de preconceitos e dúvidas sobre a autenticidade de sua escrita, pois ela escrevia o seu cotidiano e registrava as suas percepções sobre diversas temáticas.

A associação do termo “favelada” por vezes pode ser interligada a um sentido denotativo ou pejorativo, mas, por outras vertentes, pode ter sido um mecanismo

linguístico utilizado pelo jornalista Audálio Dantas para ter os relatos de Carolina publicados nos setores editoriais da época. No ano de 1959, Carolina ganhou destaque na 36ª edição da revista *O Cruzeiro*, em uma matéria publicada por Audálio Dantas na qual apresentava mais uma vez a escritora para o público, tendo como título “Retrato da favela no diário de Carolina”. No ano seguinte, em 1960, os escritos, que até então só eram publicados por meio de folhetos nos jornais de circulação, ganharam formato de livro pela livraria Francisco Alves.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Carolina Maria de Jesus descreve a sua rotina na favela, sendo a sua escrita marcada por traços realistas de uma época na qual a desigualdade social, a fome e a pobreza se faziam presentes de uma forma alarmante nas classes menos favorecidas. Entretanto, Carolina elucida o seu protagonismo a partir do momento que decide escrever em seu diário suas percepções sobre a condição humana e a indignação com a miséria social com a qual os moradores da favela lidavam diariamente.

A escrita surge na trajetória de Carolina como um instrumento de resistência e um anseio de transformação social, fato esse que fica evidente em alguns trechos de seu diário, no qual demonstrava o seu sonho de se tornar uma escritora e poder oferecer uma condição de vida melhor para os seus filhos. “[...] Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais.” (JESUS, 2020, p. 49).

Carolina, ao trazer a sua realidade descrita em seu diário, como um desabafo e ao mesmo tempo denúncia social, estrutura uma proximidade entre o escritor e o leitor, sendo possível por meio da verossimilhança e da subjetividade. Desse modo, Conceição Evaristo referência na literatura afrodescendente brasileira aponta que a trajetória de Carolina é marcada pela “escrevivência”, deixando registrado para as novas gerações a necessidade de se afirmar e identificar-se enquanto mulher negra e escritora.

Destaca-se, segundo Conceição Evaristo, que:

A escrevivência ela tem como fundamento uma questão ética, uma questão de gênero porque seria uma escrita de mulheres e nessa questão é sempre e justamente a escrita dessas mulheres que trazem atrás de si este processo histórico de seus ancestrais terem passado pelo processo de escravização (FESTIVAL DE MULHERES DO MUNDO, 2019).

O termo “escrevivência”, criado pela autora mineira supracitada, relaciona-se com a jornada do escritor(a) negro(a), que busca de alguma forma romper com os padrões

sociais patriarcais pré-definidos socialmente, permitindo as novas gerações reflexões críticas sobre o papel da negritude na sociedade contemporânea, desconstruindo a visão colonizadora na qual o negro sofre o processo de desigualdade racial, sendo-lhe impostas limitações e funções submissas.

Nessa perspectiva, nota-se que na obra *Quarto de despejo*, Carolina luta frequentemente contra o racismo e diversos outros preconceitos, tendo a sua escrita sido alvo de críticas e contestações do mercado editorial e da elite letrada da época, questionadora da qualidade dos escritos da autora, sempre lhes associando a um relato de uma favelada, como um demérito.

Dessa forma, Coronel (2014) afirma:

É possível, então, entender a literariedade como juízo de valor atribuído a um texto pelos sujeitos sociais investidos de autoridade para fazer essa definição, críticos acadêmicos, editores, jornalistas. Estes apresentaram *Quarto de despejo* como obra feita por uma favelada que escrevia, não por uma escritora. E favelada, segundo a visão corrente, só podia falar sobre favela, assunto que reconhecidamente conhece. Como se o bairro pobre de onde vinha empobrecesse -lhe a escrita, comprometendo sua ficcionalidade. Como se da mulher pobre não se pudesse esperar mais do que o testemunho real da pobreza. Como se seu chão fosse seu teto em termos de alcance literário (CORONEL, 2014, p. 276).

Nesse sentido, podemos compreender os dilemas que Carolina teve que enfrentar durante a escrita e após a publicação de seu livro. O preconceito fez com que a obra *Quarto de Despejo* fosse questionada em relação a sua autoria, tendo em vista que a escritora era uma mulher negra, que tinha apenas o 2º ano primário completo, moradora da favela Canindé-SP (1960), algo que foi visto com admiração e repulsa por editores e escritores da época. Carolina almejava, por meio da escrita, um reconhecimento social e, principalmente, a realização de um sonho, que era sair da favela e conquistar uma casa de alvenaria. A construção e protagonismo da autora se consolida com a sua persistência, autonomia e autenticidade diante das adversidades e desafios presentes em sua vida.

A publicação do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, ganhou grande repercussão na década de 1960, sendo vendidos mais de 600 exemplares e se tornando alvo de críticas e elogios de escritores da época, tendo em vista ascensão de uma mulher negra, semianalfabeta e moradora da favela que conquistou o título de escritora. Dessa forma, em uma entrevista concedida ao *site Catraca livre*, Vera Eunice, filha de Carolina, relata ao jornalista Guilherme Soares Dias, o seguinte trecho:

“Foi minha mãe e eu para o Rio de Janeiro e eu lembro que nós chegamos na casa dele, estava à noite, uma escuridão. Minha mãe tocou a campainha e a empregada dele veio e falou pra minha mãe: ‘Olha, o Jorge Amado falou que

aqui não é para você entrar'. Eu lembro bem nisso, eu tinha uns oito anos". (DIAS, 2020).

Segundo a Vera Eunice, o acontecimento relatado sucedeu-se após a repercussão da obra de Carolina ter atingido marca significativa de venda em pouco tempo de lançamento, sendo esse o possível motivo da fragilidade da relação entre Jorge Amado e Carolina.

Candido (1970) relata que:

Quando abordamos o conhecimento direto das pessoas, um dos dados fundamentais do problema é o contraste entre a *continuidade* relativa da percepção física (em que fundamos o nosso conhecimento) e a *descontinuidade* da percepção, digamos, espiritual, que parece frequentemente romper a unidade antes apreendida. (CANDIDO, 1970)

Dessa forma, nota-se, com base nos pressupostos de Candido (1970), que Carolina, em um primeiro momento, é vista apenas como mais uma moradora da favela de Canindé, em São Paulo (1950 a 1960), vítima da exclusão social e da pobreza extrema, com poucas possibilidades de romper um ciclo de miséria e fome, sendo essa visão configurada como uma continuidade física, aquilo que está ao alcance dos olhos. Porém, em outra análise, é possível identificar o protagonismo de Carolina quando se conhece a sua história, sua relação com a escrita e a maneira que descreve os acontecimentos da favela, buscando compreender o ambiente em que vive e a própria cidade de São Paulo, como se fossem dois mundos diferentes, no qual a escritora nomeou a favela como *Quarto de Despejo*/e a cidade como a **Sala de visitas**, essas características próprias que compõem a personalidade de Carolina promovem a descontinuidade da primeira percepção e revelam a sua grandeza espiritual e determinação, pois, embora esteja em um ambiente propício à violência e às mazelas sociais, não perde a sua própria essência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do presente trabalho elucidou a importância da escrita na trajetória de Carolina Maria de Jesus, demonstrando o protagonismo da autora diante das adversidades enfrentadas nas décadas de 1950 e 1960, sendo fatores decorrentes da miséria social ainda nos dias atuais, dilemas que evidenciam o impacto das barreiras da desigualdade, do racismo e do preconceito e, ao mesmo tempo, descortinando também o papel fundamental da educação na transformação social, tendo em vista que Carolina sempre incentivava os filhos a desenvolverem o hábito da leitura e frequentar a escola,

algo que lhe foi limitado na infância, mas que de forma alguma impossibilitou o seu sonho de se tornar escritora.

O livro *Quarto de Despejo* proporciona ao leitor uma reflexão sobre a realidade de Carolina Maria de Jesus, na década de 1960, e sobre os dilemas que ainda são enfrentados na sociedade contemporânea, formulando-se diversos questionamentos, como: Quantas Carolinas ainda existem no Brasil em busca de oportunidades e de mecanismos que possibilitem uma transformação social? As barreiras que Carolina teve que romper ainda se fazem presentes na realidade de brasileiros, moradores de favelas, comunidades rurais e, principalmente, mulheres negras que lutam em busca de reconhecimento diante do preconceito e mazelas sociais advindas de um patriarcado historicamente carregado de injustiças e desigualdades?

Nesse contexto, notam-se nos embasamentos teóricos reforçados nos pressupostos de Antonio Candido, que a escrita de Carolina Maria de Jesus é repleta de subjetividade, denúncias e relatos, fatores esses influenciados pelo ambiente da favela no qual a escritora se encontrava, porém tais traços, como a escrita coloquial, “erros” de ortografia e críticas a políticos da época, não empobrecem a obra de Carolina, mas sim evidenciam uma riqueza intelectual a qual rompe com o padrão estabelecido de obras destinadas a um público elitizado, que desconsiderava as classes menos favorecidas e contemplava contextos os quais não eram acessíveis por todos.

Em suma, nota-se a importante representatividade de Carolina Maria de Jesus na literatura brasileira, inspirando as novas gerações de escritores negros, demonstrando por meio de suas obras, em especial *Quarto de Despejo*, o seu protagonismo e o poder de transformação social por meio da leitura e da escrita. A educação segue sendo um importante mecanismo de combate às desigualdades. “[...] A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.” (JESUS, 2020, p. 154).

Vale ressaltar que este trabalho acadêmico faz parte de um campo de pesquisa em desenvolvimento que visa conhecer a trajetória de autores como Carolina Maria de Jesus, que escrevem obras com base em suas realidades, possibilitando debates e reflexões sobre diversas temáticas sociais, abordando as desigualdades e a ineficácia de políticas públicas, no sentido de não terem alcançado, ainda, todas as “Carolinas e suas proles”, permanecendo sem voz nem vez. Urge que o presente Trabalho de Conclusão de Curso possa vir a ser instrumento de novas pesquisas, de modo que possam contribuir para as



percepções, apreciações e valorizações de número cada vez mais elevado de escritores(as) negros(as) de nosso país, rompendo os estigmas sociais e proporcionando glórias a inúmeras novas Carolinas Marias de Jesus.

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, Assis. **Audálio Dantas, o descobridor de Carolina Maria de Jesus.**

Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/audalio-dantas-o-descobridor-de-carolina-maria-de-jesus/> Acesso em 03 de set. 2023.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 16 set. 2023.

BRUM, Eliane. **O que Audálio Dantas fez com Carolina Maria de Jesus?;**

Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2021-11-30/o-que-audalio-dantas-fez-com-carolina-maria-de-jesus.html#?prm=copy_link. Acesso em 03 de set. 2023.

CÂNDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção.** São Paulo: Editora Perspectiva. 1970.

CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em o Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.44, p. 271-288,2014.

DIAS, Guilherme. **‘Nunca consegui ler Quarto de Despejo’, diz filha de Carolina Maria de Jesus.** Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/nunca-conseguir-ler-quarto-de-despejo-diz-filha-de-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em 03 de set. 2023.

FESTIVAL DE MULHERES DO MUNDO. **A EscreVivências no centro do debate:** Conceição Evaristo em partilha com Carla Fernandes. 2019. (54m20s). Disponível em: Acesso em: 10 jan. 2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UECE, 2002. Apostila.p.32.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Ática, Edição comemorativa 1960 - 2020.

SOTERO DE BARROS PINANGÉ, D.; ONILARI FERREIRA DA SILVA, D. M.; AMORIM DA SILVA, R.; DE ARAÚJO MENEZES, J. “Quarto de despejo”: relato de uma vivência dialogada. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, [S. l.]**, v. 15, n. 2, p. 1–12, 2020. Disponível em:

http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/3856. Acesso em: 17 set. 2023.